

ja

Domingo, 25 de junho de 1995 — A TRIBUNA

A um poeta santista

Nair Lacerda

Colaboradora

Nunca fiz crítica literária, e repito isso sempre que acontece procurar escrever sobre um trabalho desse gênero. Deixo de lado a crítica da forma com que o autor se apresenta e prefiro que a emoção recebida diga o que senti.

Hoje, por exemplo, tenho diante de mim um livro de poemas, cujo autor não cheguei a conhecer pessoalmente. Na verdade, os poetas não precisam ser conhecidos pessoalmente. Estão, por inteiro, em seus versos, revelando-se, de coração aberto, à sensibilidade de quem se debruce sobre as suas rimas.

Foi assim que conheci Gilberto de Freitas Guimarães e seu *Rimas ao Vento*, através daquela estranha atração que atravessa até mesmo as fronteiras da vida terrena e ilumina a outra dimensão, aquela onde a magia da palavra entrega-se a todos, quando o es-

pírito, desobrigado de atender aos reclamos do corpo, entrega-se a Sonhos, à Luz, ao Amor. E vêm à tona os mais secretos desejos, as mais recatadas dores, as mais resguardadas angústias.

Na poesia de Gilberto a tônica é a Saudade, aquele *doce pungir de acerbo espinho* de que falou Garret. Saudade é a palavra que aparece com frequência em seus versos, dando a impressão de que o poeta era vítima de uma sensibilidade exagerada, responsável pela aura de profunda tristeza íntima de que está unida a sua poesia. Tristeza de quem considera que a vida nada mais lhe pode oferecer. Tristeza que mata.

Ai Gilberto, ai Gilberto, percorreste o campo fabuloso da poesia envolvido no manto da saudade e deixaste passar a teu lado tudo quanto a vida, enamorada do teu talento e da tua capacidade de amar, teria deposto em tuas mãos.